

#cm

2

FIM DE SEMANA

Sócrates preferiu tomar veneno a abrir mão de suas ideias. **Peça de André Amahro** faz essa discussão a respeito das **nossas opções** neste momento pré-eleitoral. **Página 16**

Um tal de Sócrates debate nossas escolhas



COLETIVO TRINA APRESENTA O ESPETÁCULO JANELAS
A montagem aborda temas como trabalho e burocracia



SHAKESPEARE COM MONTAGEM INÉDITA E GRATUITA
Espetáculo revisita um dos maiores clássicos do teatro



ESPETÁCULO “NÃO ME ENTREGO, NÃO!” É DESTAQUE NO DF
Othon Bastos apresenta monólogo na CAIXA Cultural



TEATRO CALEIDOSCÓPIO EVOCA SÓCRATES
Montagem exalta a educação como ferramenta de emancipação crítica



Aos 76 anos, Djavan suspende a divulgação de seu último álbum de inéditas, 'Improvisto' (2025), para correr o país numa turnê só de sucessos

AFFONSO NUNES

Ele compõe exaustivamente e bem que poderia descansar aos 76 anos. Mas Djavan prefere comprar briga com o tempo. “Física mesmo. Dói a perna, dói o quadril. Você fica ali absorto naquilo. E tem também a coisa do pensar, de mergulhar nas histórias”, disse o cantor em entrevista antes de estrear em São Paulo a turnê que celebra meio século de carreira. O espetáculo, batizado “Djavanear 50 anos. Só Sucessos”, lotou o Allianz Parque em 9 de maio — 45 mil pessoas cantando cada letra na ponta da língua — e chega ao Rio para três apresentações (1, 2 e 8/8) na Farmasi Arena. Os ingressos já se esgotaram.

O percurso de Djavan Caetano Viana é daqueles que o Brasil gosta de contar. Alagoano de Maceió, filho de uma lavadeira que cantava enquanto passava roupa e compunha versos para cada filho que nascia, o menino cresceu envolto nas vozes de Orlando Silva e Ângela Maria no rádio, mas também com os pés na bola — chegou a integrar o time juvenil do CSA. Aos 13, um acaso o colocou diante da discoteca de Ismar Gatto, um médico amigo do colega de colégio: jazz, música americana, francesa, flamenca. “Aquilo me trouxe tudo”, recorda. A certeza veio aos 16, quando descobriu o instrumento. O futebol perdeu um meio-campista. A MPB ganhou um dos seus nomes maiores. E foi a mãe, Dona Virgínia, quem selou o destino: “Ela cantava, fazia versos, fazia uma música para cada filho. Minha mãe me ensinou tudo. Disse pra mim: ‘Filho, você vai ser cantor.’”

Em 1976 veio “A Voz, o Violão, a Música de Djavan”, um álbum de um jovem artista nordestino fadado a alguns elogios da crítica

Quem gosta de DJAVAN só pode buscar DJAVAN em mim

Cantor e compositor chega ao Rio para três apresentações esgotadas de turnê que resgata 50 anos daquilo que Caetano um dia chamou de ‘djavanear o que há de bom’

mas sem chegar ao grande público. Ledo engano. Desde então, são quase 30 álbuns de estúdio, incontáveis coletâneas, quatro Grammys Latinos e uma coleção de canções que o próprio define como “pessoal, intransferível”.

Produtores no início duvidavam do potencial popular de suas composições. Críticos achavam as letras indecifráveis. Meio século depois, ele reage com a ironia de quem viu o tempo dar razão a si próprio: “Desde o início, eu sabia que ia ter grandes dificuldades por ser um artista diferenciado. O que eu sempre fiz não está no radar. O que eu faço, só eu faço. Quem gosta de Djavan só pode buscar Djavan em mim. Não dá para conceber

um artista tão popular como eu, estranho. Estranhos são os outros”, diverte-se.

Não é pouca ousadia montar uma turnê em estádios e arenas aos 76 anos. Na última, a do disco “D”, Djavan já enfrentava plateias de 20 a 40 mil pessoas. “Tem uma logística própria para lidar com aquele cenário, com aquele volume imenso de gente, aquele som altíssimo no seu ouvido — parece que o mundo vai desabar na sua cabeça. Mas a gente está acostumado com isso já. Mas o nervosismo pré-show, garante, permanece. E é bem-vindo: “Fico. E acho o nervoso bom. Quero que seja uma coisa que, quando eu voltar para casa, eu volte feliz.”

O repertório promete pelo me-

nos 25 canções que atravessam toda a discografia — “Sina”, “Oceano”, “Um Amor Puro”, “Se...”, “Eu Te Devoro”, “Samurai”, “Flor de Lis” e “Açaí” entre as certas. “Eu tenho uma discografia muito visitada. O meu lado B quase todo mundo conhece”, observa, ao explicar que o show visa colocar em voga “toda uma trajetória que eu considero bem-sucedida”. Tem ainda o que ele chama de “código djavânico” — aquela qualidade reconhecível entre os fãs, pelo qual “as pessoas conhecem e gostam de participar ouvindo as novas ou as antigas”. Com direção artística de Gringo Cardia, o espetáculo tem desenho de luz de Césio Lima, Mari Pitta e Sérgio Almeida. No palco, Dja-

van (voz, violão e guitarra) chega acompanhado de banda afiada: Felipe Alves na bateria, Marcelo Mariano no baixo, Torcuato Mariano na guitarra e violão, Paulo Calasans e Renato Fonseca nos teclados, e a seção de sopros com Jessé Sadoc (trompete e flugelhorn), Marcelo Martins (sax tenor e flauta) e Rafael Rocha (trombone).

A turnê não esgota as comemorações do cinquentenário. Em novembro de 2025, Djavan colocou nas plataformas “Improvisto”, seu 26º álbum de estúdio — doze faixas pela Luanda Records / Sony Music, onze inéditas, quase todas escritas nos últimos meses. O verso “Ir atrás do amor é um jazz”, de “Um Brinde”, dá a chave do disco: os movimentos não programados, o balé imprevisível das relações de amor. Entre as faixas, “O Vento” resgata uma parceria antiga com Ronaldo Bastos e serve de homenagem a Gal Costa; outra canção quase foi gravada por Michael Jackson a convite do próprio, nas sessões de “Bad”.

Uma biografia, “Djavan — dizem que o amor atrai”, também chega às livrarias neste ano, com depoimentos de familiares e informações inéditas sobre a trajetória pessoal e musical do artista.

Perguntado sobre o que enxerga pela frente, não hesitou: “O que eu vejo é que a minha predisposição de compor e criar novas canções se mantenha intacta. É isso que me mantém na vida: fazer canções novas, cantar e levar essa música para um público tão diverso e tão generoso comigo”. E o álbum “Improvisto” não lhe deixa mentir.

SERVIÇO

DJAVANEAR - 50 ANOS. SÓ SUCESSOS

Farmasi Arena (Av. Embaixador Abelardo Bueno, 3401 - Barra Olímpica) | 1, 2 e 8/8, às 21h
Ingressos esgotados



Seu Jorge e Marcelo D2



BK'



Belo

Frio?

Só se for em casa



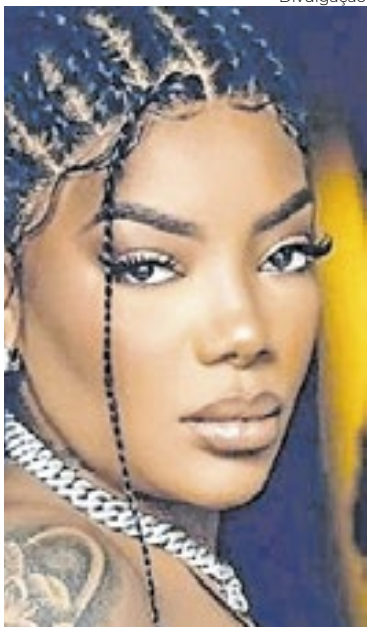
Gabi Melim

AFFONSO NUNES

O Rio de Janeiro possui um jeito de contrariar as estações. Quando o termômetro baixa e a cidade adota o casaco pela primeira vez no ano, a Marina da Glória acende as luzes e transforma o frio em desculpa para tudo aquilo que o calor do verão às vezes não permite: a convivência prolongada, o encontro entre gerações que não costumam frequentar os mesmos palcos, a descoberta de que artistas que parecem tão diferentes uns dos outros falam línguas muito próximas.

É o Enel Festival de Inverno Rio chega que chega neste fim de semana à reta final de sua nona edição com um lineup que, ao somar nomes, multiplica combinações artísticas. No primeiro fim de semana, Samuel Rosa dividiu o palco com Negra Li. Nando Reis encontrou Arnaldo Antunes — reedição, em chave própria, da parceria que marcou os Titãs nos anos 80. Maria Gadú, Ana Carolina e Marina Lima ocuparam a mesma noite, cada uma trazendo seu sotaque particular para a MPB do século 21. E houve uma maratona do BRock com Titãs, Ca-

Na reta final do Enel Festival de Inverno Rio, a Marina da Glória recebe três noites em que pop, rap, samba e MPB se encontram



Ludmilla



Luísa Sonza



Marina Sena

pital Inicial, Ira! e Trinuto ao Charlie Brown Jr., com ramenescentes da banda do eterno Chorão.

Agora, nos três últimos dias, o festival reabre nesta sexta-feira (31) com Luísa Sonza, Ludmilla e Marina Sena. Três mulheres, três gestos, três maneiras de ocupar a música

popular brasileira neste momento.

Luísa Sonza chega ao festival após uma temporada que a levou ao Tomorrowland, na Bélgica — o pop internacional descobriu o que o Brasil já sabia. Ludmilla, que vem trabalhando o projeto “Fragmentos” numa chave mais intimista,

encontra no FIR um contraponto: a artista que o funk consagrou agora transita pelos festivais com a naturalidade de quem sempre esteve ali. Marina Sena fecha a noite com a força de seu repertório.

No sábado (1º), os Gilsons sobem ao palco com a herança que

aprenderam em casa e a inventividade que lhes é própria. Anavitória traz a delicadeza de seu repertório. E BK', o rapper que tem colocado a cena urbana em ebulição, fecha a noite.

No domingo (2), a noite de encerramento é toda de encontros: Belo convida Gabi Melim. Criolo encontra Rael. Seu Jorge reencontra Marcelo D2. Cada uma dessas combinações carrega uma história. Seu Jorge e Marcelo D2 já dividiram palco e estúdio: “Pode Acreditar” e “A Arte do Barulho” são marcos dessa parceria que mistura samba, rap e a melhor tradição da música urbana carioca. Criolo e Rael compartilham o DNA do rap paulistano, mas é na diferença entre seus caminhos que o encontro ganha interesse. Belo e Gabi Melim, por sua vez, representam o diálogo entre o pagode romântico noventista e uma nova autoralidade na MPB.

SERVIÇO

ENEL FESTIVAL DE INVERNO RIO 2026

Axia Marina da Glória (Av. Infante Dom Henrique, s/nº) 31/7 a 2/8

Ingressos: a partir de R\$ 220, à venda no site e aplicativo da Bilheteria Digital

Um corpo e muitos instrumentos

Multi-instrumentista e uma das vozes queer mais relevantes da música brasileira contemporânea, Maria Baraldo faz show solo no Manouche percorrendo sua árvore genealógica musical

AFFONSO NUNES
Especial para o Correio da Manhã

Cantora, compositora, clarinetista, produtora, diretora musical — e ainda guitarrista, pianista e violonista quando a canção pede. Maria Baraldo se apresenta nesta sexta-feira (31) no Manouche.

A artista é catarinense de Florianópolis, cursou bacharelado e mestrado em música na Unicamp. Mas seu lugar musical é a cena independente paulistana — laboratório inquieto onde tocou com Elza Soares e Arrigo Barnabé, fundou o Quartabê, grupo instrumental com turnês por Brasil, Europa, Japão e América do Sul, e decidiu, em 2017, que era hora de existir também sozinha. No ano seguinte, veio “Cavala”,



Divulgação

A catarinense Maria Baraldo especializou-se em música na Unicamp, mas construiu sua trajetória artística na cena independente paulistana

disco de estreia com dez faixas que fazia de questões de identidade e sexualidade a matéria-prima de seu cancionário.

Seis anos depois, em 2024, chegou “Colinho”. Produzido por ela e

Tó Brandileone, o segundo álbum amplia o leque sem perder o fio: são onze faixas onde free jazz, pop, samba, choro, punk, bossa e funk coexistem não como colagem de gêneros, mas como paisagem natural de

alguém que cresceu ouvindo tudo e não viu motivo para escolher. A indicação ao Grammy Latino 2025, na categoria de melhor álbum de música alternativa em língua portuguesa, confirmou o que seu público

já sabia. Em entrevistas recentes, disse que o que lhe interessa na música é a invenção, não o reconhecimento. E experimentando a artista costura esse show. Além das próprias composições, ela vai traçar o que chama de sua árvore genealógica cancional — uma travessia que vai de Chico Buarque a Paul Preciado, passando por referências que incluem James Baldwin e Jorge Amado.

A relevância de Maria Baraldo, entretanto, não se esgota na canção. Desde 2019, colabora com o diretor Felipe Hirsch em música para teatro, com duas indicações ao Prêmio Shell e uma vitória no Prêmio Bibi Ferreira. No cinema, assinou a trilha de “Regra 34”, de Julia Murat, que levou o Leopardo de Ouro em Locarno em 2022, e de “Levante”, de Lillah Halla, premiado com a FIPRESCI em Cannes em 2023. Em 2024, criou a trilha de “Piedad Salvage”, peça do Balé Municipal de São Paulo. Há quem se assuste com a versatilidade; quem conhece sua trajetória entende que é tudo a mesma coisa — a busca por uma linguagem que comporte a complexidade do real sem concessões.

SERVIÇO MARIA BARALDO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
31/7, às 21h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia e ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível ou livro, doado a comunidades carentes)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

O Grilo revisita álbum de estreia no Circo

Cinco anos após o lançamento de “Você Não Sabe de Nada”, álbum que consolidou a banda paulistana o Grilo como um dos nomes mais promissores do indie rock nacional, Pedro Martins (vocal), Lucas Teixeira (bateria), Gabriel Cavallari (baixo) e Felipe Martins (guitarra), estão de volta ao Circo Voador neste sábado (1), às 22h, com canções “Trela”, “Guitarrada”, “Contramão” e a faixa-título.



Divulgação

Liz Rosa celebra obra de Djavan no Blue Note

A cantora e compositora potiguar Liz Rosa leva para o palco do Blue Note nesta sexta (31) o show “Liz Rosa — Só Djavan”. Acompanhada por Martché (piano), Giordano Gasperin (baixo), Fofó Black (bateria) e Dudu Oliveira (sopros), o espetáculo é uma homenagem à extensa e importante obra do compositor alagoano, percorrendo desde seus primeiros discos, no fim da década de 70, até os dias de hoje.



Divulgação

Clássicos do samba com o jeito de Sapucahy

Leandro Sapucahy apresenta neste sábado (1), no Rival Petrobras, às 19h30 o show “Um samba que nem antigamente”, unindo o repertório dos dois volumes do projeto com mais de 100 milhões de reproduções nas redes sociais e mais de 40 milhões de streams nas plataformas digitais, consolidando-se como um dos conteúdos de samba mais relevantes e engajados da atualidade. No repertório, clássicos do samba com a voz e o jeito de Sapucahy.



Divulgação

Da tradição ibérica ao sertão brasileiro

O grupo Ensemble Galanteira é a atração desta semana das Sextas Instrumentais do Espaço BNDES. “Grande Sertão” é um espetáculo que percorre diferentes tradições musicais e literárias, da Península Ibérica medieval ao Brasil contemporâneo. Por meio de uma viagem sonora que passa por influências europeias, africanas e indígenas, o repertório revela os encontros culturais que ajudaram a formar a nossa identidade.



Divulgação

ENTREVISTA | DUDA MAIA

DIRETORA TEATRAL E COREÓGRAFA

‘Alceu Valença tem uma poesia que a gente escuta com o ouvido, mas sente na pele’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Responsável por extrair teatro do livro “Guerra Dentro da Gente”, de Paulo Leminski (1944-1989), numa encenação de respeito, Duda Maia não cansa de bailar a coreografia da invenção para blindar nossas artes cênicas de qualquer raio de mesmice, alcançando transcendências como a peça “Auê” (2016), com a Barca dos Corações Partidos. Depois de encenar “Poemas”, aqui no Rio, ela gravita pelos versos de um rapsodo do cancionero popular em “Anunciação – O Musical de Alceu Valença”. O espetáculo estreou no dia 23 de julho de 2026, no Teatro Carlos Gomes, comemorando os 80 anos do cantor e compositor. A direção geral é de Miguel Colker. A direção artística é de Duda.

No palco, oito intérpretes – em sua maioria nordestinos – dão corpo a uma narrativa sem personagens fixos, guiada por cerca de 35 canções, entre elas “Anunciação”, “La Belle de Jour”, “Tropicana” e “Como Dois Animais”. O texto da peça é assinado por Luiza Loroza e por Duda Rios, cofundador da supracitada Barca.

No papo a seguir, a encenadora e coreógrafa solfeja as encantarias de Alceu.

De que maneira a obra de Alceu serve como um roteiro espiritual e musical para a viagem sensorial que se trava no espetáculo “Anunciação”?

Duda Maia - A obra do Alceu Valença serve como inspiração para um roteiro em que a gente, como criação, tenha muita liberdade de brincar. Tem nele uma doídice muito boa, tem um lugar muito singular e muito fora da lógica (e fora da curva) e tem, ao mesmo tempo, uma poética que atravessa muito o nosso corpo — o corpo de toda a equipe, de todo mundo que escuta, o meu corpo como diretora. Então, isso serve de inspiração para você criar um roteiro. Um roteiro em que a imagem, a palavra e a sonoridade fiquem a favor de uma linguagem. A cada música que inspirava a Luiza e o Duda a escreverem alguma coisa, também me vinham muitas imagens. Esse lugar do sensorial passa pela poesia imagética. É uma poesia que a gente escuta com o ouvido, mas sente na pele.

Ecos de “Auê” ainda marcam o teu prestígio. De que forma as pesquisas edificadas ali, com o verso musical e o movimento, vetorizam sua imersão no cancionero e no Nordeste de Alceu?

“Auê” foi um marco na minha história como criadora, como diretora. Foi a primeira vez que eu propus experimentar instrumentos sem serem plugados, para me dar mais

liberdade com o corpo. Foi uma coisa que deu muito certo, mas que dá muito trabalho, sendo muito estimulante. Aí eu vim desenvolvendo outros trabalhos, “Jacksons”, “Elza”, “Contos Partidos de Amor”. Em alguns trabalhos, eu experimentei esse lugar do instrumento desplugado. E, no Alceu, eu acho que isso vem com muita força, porque a gente está falando de um artista que é um brincante, que tem uma brasilidade muito forte e que traz muitas imagens para mim. São imagens de movimento. Eu, naturalmente, vou buscando trazer esse movimento para os corpos das atrizes, dos atores e para esses instrumentos fazendo parte da encenação.

Pensando no processo da recente da peça “Poemas”, queria entender qual é o lugar da palavra na sua forma de pensar a cena e o movimento no palco. O que é a palavra escrita — e falada — para o teatro?

Pensando no processo de “Poemas”, no qual a palavra vinha com uma força muito grande, o texto era a rainha da encenação, assim como em “Desato”, da Viviane Mosé, um espetáculo que eu dirigi com poesias dessa autora. Porém, mesmo sendo espetáculos em que a palavra reina, no melhor dos sentidos, são palavras que atravessam o meu corpo, são palavras que me fazem pensar com o movimento. E isso é muito importante para mim. A primeira coisa que eu faço quando sou convidada



“Mesmo sendo espetáculos em que a palavra reina, no melhor dos sentidos, são palavras que atravessam o meu corpo, são palavras que me fazem pensar com o movimento”

para dirigir um espetáculo... e esse espetáculo já tem uma escrita apon-tada... é ler esse texto, essa ideia, esse release, e perceber se o meu corpo dança, se o meu corpo se movimen-ta, se me vêm imagens físicas.

Seus trabalhos coreográficos conversam com as dramaturgias que os pavimentam, mas sem se sub-jugar às palavras, buscando invenção e liberdade num coro de corpos. Há uma linha central de reflexão na espinha de seu trabalho como coreógrafa?

Eu venho da dança. Fui desde o

balé clássico até os folguedos populares, passando por diversas aulas de dança contemporânea, improvisação, contato e improvisação. Estudei muito. Mas o mergulho que eu fiz durante 16 anos na escola da Angel Vianna, de quem sou cria, é o meu chão, é a minha base como criadora. O olhar para o corpo de cada pessoa - no entendimento de que cada corpo é único e que você pode conseguir extrair o mais interessante dele — é o norte do meu trabalho. No processo do Alceu, a gente escutou muito as músicas dele, com sua sonoridade, e investigou como é o corpo tocar e cantar aquela música, não necessariamente com um ins-

trumento na mão ou com a sua voz. A questão era como é cantar com a sua bacia, com o seu joelho, com o seu cotovelo, com a sua escápula, com o seu ombro. Como é amaciar esse corpo, esse esqueleto que brinca e que se comunica.

Quais são os seus próximos projetos?

Vou entrar agora numa sala de ensaio com uma bailarina, Maria Alice Poppe, num solo de dança. A gente vai fazer um trabalho chamado “De Qualquer Modo Dança”, que fala sobre maturidade de um corpo maduro, de um corpo que tem muita história, de um corpo que talvez, pela idade, perca um pouco de técnica, mas ganha outros lugares, inclusive de vigor

SERVIÇO
ANUNCIAÇÃO

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº - Centro)
Até 16/8, às quintas e sextas (19h), sábados e Domingos (17h)
Ingressos a partir de R\$ 40

Divulgação



Divulgação TV Globo

Mauro Rasi
centrou parte
relevante de sua
dramaturgia
na escrita de
si mesmo

Rasimania

Estreia de uma nova montagem de 'Alta Sociedade' reforça a pertinência de Mauro Rasi, o Shakespeare de Bauru, como um cronista de afetos (e seus enguiços) nos palcos

Nana Moraes/Divulgação

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Crônicas da vida familiar por vezes puxadas no tempero agri-doce, mas, por vezes, levemente amargas, as peças de Mauro Rasi (1949-2003) começaram a sair do forno há 63 anos, quando ele ainda era adolescente, com "Duelo do Caos Morto", e contagiaram o teatro brasileiro, a partir de sua terra natal, Bauru (SP), com um espírito observacional sobre as convenções das famílias, entre pecados, delitos, cumplicidades e quereses. "A Cerimônia do Adeus" (1987), "A Estrela do Lar" (1989), "O Baile das Máscaras" (1991), "Viagem a Forli" (1993) e "A Dama do Cerrado" (1996) abrilhantam um repertório dramático do qual nossos palcos não abrem mão jamais. Basta passar uma única temporada sem uma montagem das narrativas rasianas para que alguém volte a redescobrir a força de sua dramaturgia.

Há um eco de sua forma de escrever na recém-estreada "As Irmãs Pereira", de Pedro Brício, no Sesc Copacabana, na qual o humor é um meio de expor feridas fraternas profundas, algumas ligas à imigração portuguesa. A partir deste fim de semana é a vez de "Alta Sociedade" trazer Mauro de volta. Essa delícia de comédia estreia nesta sexta-feira (31), no Teatro Vannucci, reunindo Julia Lemmertz e Orã Figueiredo sob direção de Emílio de Mello.

Escrita em 2000, a peça acompanha Sylvia e Leopoldo, um casal de milionários falidos que tenta fugir do país na noite de réveillon para escapar da Polícia Federal. O apartamento de frente para o mar, os carros importados, as obras de arte e as negociatas financeiras compõem um retrato mordaz de uma elite acostumada a confundir privilégio com impunidade. O texto ganhou atualização assinada por Amanda Jordão, incorporando referências contemporâneas sem alterar sua espinha dorsal.

"O texto permanece surpreen-

dentemente atual — talvez até mais pertinente hoje do que quando foi escrito. As situações continuam as mesmas, mudaram apenas os nomes dos personagens da vida real", afirma Emílio de Mello, que interpretou vários personagens autobiográficos de Rasi, que considerava esse ator e encenador uma espécie de alter ego seu. "Penso que o teatro brasileiro seria diferente se Mauro ainda estivesse escrevendo. Sua dramaturgia transformava as hostilidades e as idiosincrasias da nossa sociedade em humor de alta inteligência. Ele compreendia que o riso pode ser uma forma sofisticada de crítica social e, ao mesmo tempo, um gesto de afeto. Num Brasil cada vez mais polarizado, agressivo e incapaz de escutar o outro, a obra de Mauro permanece atual porque nos ensina a olhar para nossas contradições sem simplificá-las. Seus personagens nunca são heróis nem vilões; são seres humanos cheios de fragilidades, desejos e ambiguidades. É justamente por isso que sua dramaturgia continua sendo uma das formas mais sensíveis de compreender os modos de amar e de viver no Brasil: ela critica o país sem perder a ternura e faz do humor uma ferramenta de autoconhecimento coletivo."

Poucos autores conseguiram retratar a classe média e a burguesia brasileiras com a mistura de afetividade, crueldade e ironia de Rasi, numa autopsia em corpo vivo da mesquinha nossa de todo dia. Sua mirada misturava confissão, memória e crítica social. Ele deu continuidade à temática familiar iniciada por Naum Alves de Souza (1942-2016) em "No Natal, A Gente Vem Te Buscar" (1979), corporificando em palavras um zeitgeist que estava fora da cena brasileira, na reta final da ditadura militar (1964-1985).

Um dos textos da lavra de Rasi mais conhecidos, "Pérola", de 1985 - escrito como um tributo à sua mãe e celebrado na ribalta por Vera Holtz - voltou ao centro das atenções em 2022, quando Murilo Benício dirigiu sua adaptação cinematográfica, protagonizada por Drica Moraes. O longa se



Julia Lemmertz e Orã Figueiredo estão juntos no palco em 'Alta Sociedade'

encontra disponível no streaming do Telecine (podendo ser visto via Prime Video).

À época que o filme passou no Festival do Rio, Murilo contou ao Correio da Manhã que teve "o privilégio de conviver bastante com o Mauro, desde quando ele me chamou pra fazer a peça 'As Tias', em 1995, onde eu o interpretei".

"Aquele peça foi um sucesso absoluto de crítica e público, mas nada que se comparasse a 'Pérola', que, na época, era interpretada

pela Vera Holtz", disse Murilo, ao lançar o longa. "Quando eu assisti à peça pela primeira vez, fui jantar com o Mauro e falei que ele tinha que transformar a peça em filme. Acho que isso acabou ficando na minha cabeça, eu sabia do potencial daquela história", lembra o astro. "Infelizmente, Mauro nos deixou muito jovem. Então, quando eu decidi fazer a adaptação, eu tinha em mente que queria fazer uma versão que eu acreditasse que o Mauro faria. Os fãs da peça vão

poder reconhecer a essência da obra no cinema".

Da mesma forma, quem for rir com Lemmertz e Orã vai sentir um gostinho de Rasi em sua essência.

SERVIÇO

ALTA SOCIEDADE

Teatro Vannucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 27/9, às sextas e sábados

(20h30) e domingos (19h)

Ingressos entre R\$ 60 e R\$ 150

CRÍTICA TEATRO | PRA TE VER FELIZ

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Em 2013 a Cia. Dramática de Comédia, lançou o musical “Quando a Gente Ama”, com músicas de Arlindo Cruz, e a trilogia “Dá samba” efetiva seu segundo espetáculo, “Pra Te Ver Feliz”, sob a batuta do autor/diretor João Batista, numa produção/realização de Bruno Mariozz, da Palavra Z Produções Culturais. Propugnando uma atmosfera popular, a ótima montagem resgata pérolas de compositores brasileiros, sobretudo obras de Almir Guineto, sambista inovador, um dos grandes expoentes do samba de raiz.

O texto inspira-se numa ambiência suburbana carioca, amalgamando-se às músicas, que servem como complemento narrativo, estimulando o discurso das personagens, favorecendo as conexões amorosas e os embates de vidas modestas. Noite de natal, festa de aniversário, churrasco entre amigos, finitude de relacionamento, revelam um sotaque mais leve e despojado, aproximando à audiência. Tudo isso permeado de bom humor, no qual a dramaturgia reflete brasilidade.

O diretor estabelece uma homogeneidade apazível. Para além dos conflitos dramatúrgicos, o espetáculo desagua num viés esperançoso, onde imagens são ordenadas no signo da felicidade. Ser feliz não é ausência de dor ou sofrimento e sim amar a vida, superando obstáculos, atesta Nietzsche. E toda a encenação harmoniosa re-

Samba curativo



Nil Caniné/Divulgação

O espetáculo desagua num viés esperançoso no qual imagens são ordenadas no signo da felicidade. Ser feliz não é ausência de dor ou sofrimento e sim amar a vida, como definia Nietzsche

verbera um bem estar contagiante. Há uma limpeza conduzida pela direção que produz beleza e magia.

Por algum tempo, no teatro musical brasileiro, artistas negros,

eram negligenciados. Felizmente a transformação, justíssima, desvela aqui um elenco talentoso, com ótima afinação, numa elegância rara, composto por Aline Borges, Elli

Ferreira, Jeniffer Dias, Thiago Thomé e Udylê Procópio, amparados pelos músicos: Carlos Rufino, Felipe D’Lélis, Fábio D’Lélis, Leo Antunes e Marlon Julio. Vilma Melo

e Lucas da Purificação destacam-se, abarcados por um espectro teatral, que os torna eletrizantes, mesmo quando estão em silêncio. A atriz já no primeiro quadro abrilhanta-se como uma mãe de família, repleta de variações, como sempre. Pos-suinte de uma corporeidade exuberante, o ator trafega pulsante, valorizando o texto falado e cantado.

Estruturas claras e um tablado avermelhado compõem um adequado preenchimento cenográfico, de Doris Rollemberg, além de uma rotunda branca, que propicia a pintura que Renato Machado desenha sobre o palco. O figurino, de Mauro Leite, carrega camadas simbólicas, remetendo às manifestações populares, tradições afro-brasileiras, celebrações religiosas, ancestralidade e purificação. Apesar da predominância do branco, cada personagem possui oscilações de modelagem, textura e sobreposição, numa fluidez de tecidos que favorecem a eficiente direção de movimento, de Dani Cavanellas. Apropriada, a direção musical, de Marcelo Alonso Neves, corrobora para que a dinâmica de roda de samba dialogue com a dramaturgia.

Numa linguagem afetiva, o espetáculo valoriza o samba, beneficiando curar a alma.

SERVIÇO

PRA TE VER FELIZ

Teatro Sesc Ginástico (Av. Graça Aranha, 187 - Centro)
Até 9/8, às quintas e sextas (19h) e sábados e domingos (17h)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Conflitos maternais

Inspirado na relação da dramaturga Maria Adelaide Amaral com sua mãe, “Querida Mamãe” encerra temprada no Teatro dos 4, Shopping da Gávea, com direção de Pedro Neschling e atuações de Nívea Maria e Regiane Alves, que dividem o palco pela primeira vez. Em cena, o conflito ganha forma no encontro entre duas mulheres atravessadas por diferenças profundas: de um lado, uma mãe marcada por valores conservadores e pela dureza da vida; de outro, uma filha que busca existir com mais liberdade, inclusive em sua maneira de amar.

Tati Motta/Divulgação



Em terra de cegos

Com idealização do celebrado Grupo Galpão (MG), a montagem de “(Um) Ensaio Sobre a Cegueira” é a atração deste fim de semana na programação no 2º Festival de Teatro do Rio, no Teatro Riachuelo. A peça se baseia no romance homônimo de José Saramago em que uma epidemia de cegueira assola a cidade, privando seus habitantes de enxergar o mundo como antes. Tudo começa com um homem no trânsito, repentinamente cego. Rapidamente a condição se espalha e coloca à prova a moral, a ética e as noções de coletivo.

Renata Casagrande/Divulgação



Encontro de casais

Assistida por mais de 200 mil pessoas em 270 sessões entre Brasil e Portugal, a peça “Dois de Nós” segue em cartaz no Teatro Axia Casa Grande. Nesta comédia dois casais de gerações diferentes - vividos por Antonio Fagundes, Christiane Torloni, Thiago Fragoso e Alexandra Martins - se encontram num quarto de hotel. Segredos e mentiras começam a ser revelados trazendo à tona um divertido turbilhão de sentimentos, com muita emoção e desafios, que mudarão a vida dos quatro personagens para sempre.

SEXTOU! UM DF DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

FESTIVAL

Festival Favela Sounds

✱ O Favela Sounds celebra 10 anos com programação gratuita em Brasília nos dias 31 de julho e 1º de agosto, na Praça do Museu Nacional da República. Pela primeira vez, o festival conta com patrocínio da Petrobras e espera receber mais de 40 mil pessoas. A programação reúne 20 atrações de gêneros como funk, rap, trap, tecnobrega, samba e música eletrônica africana, além da estreia da performance de dança “Favela Sounds 10 Anos”, criada para marcar a primeira década do evento.

2º Festival de Teatro do DF

✱ Estão abertas, até 20 de agosto, as inscrições para a seleção de espetáculos da 2ª edição do Festival de Teatro do Distrito Federal. O edital prevê a escolha de oito montagens de grupos locais, com cachê de R\$ 6 mil para cada uma e premiação em 11 categorias. O festival será realizado de 10 a 18 de outubro, no Teatro Sesc Paulo Autran, em Taguatinga, com entrada gratuita, oficinas, rodas de conversa e recursos de acessibilidade.

PROJETO

Cartas nunca enviadas

✱ O brasileiro Lucas Sued abriu a pré-venda do livro de estreia Todas as cartas e poemas que eu escrevi pra você. A obra reúne poemas e prosas poéticas escritos ao longo de seis anos e aborda temas como amor, saudade, família, fé e identidade. O lançamento será em 12 de agosto, no Espaço Cultural Renato Russo, com programação que inclui literatura, artes visuais e teatro. A pré-venda oferece exemplares por R\$ 30 e integra projeto realizado com recursos do FAC-DF.

Feira qui qui qui

✱ A 3ª edição da feira qui qui qui de artes gráficas e publicações independentes será realizada em 8 de agosto, das 10h às 19h, no Paradeiro – Livraria e Café, na Asa Norte, em Brasília. Com entrada gratuita, o evento reúne mais de 20 artistas, editoras e coletivos do DF e de Goiás. A programação inclui oficina, lançamentos de livros, rodas de conversa e exposição de publicações independentes, zines e impressões artesanais, incentivando a produção editorial autoral.



Divulgação

Favela Sounds volta a ocupar o Museu Nacional



Divulgação

Livro do brasileiro Lucas Sued convida leitores



Divulgação

3ª edição da feira qui qui qui de artes gráficas independentes

“Amor de Repente”

✱ O cordelista brasileiro Davi Mello lança, nos dias 1º e 2 de agosto, o cordel Amor de Repente durante a 7ª Feira do Cordel Brasileiro, na Caixa Cultural Brasília. A obra conta a história de dois repentistas e homenageia a cultura popular do Ceará, Pernambuco e Paraíba, além de abordar temas políticos e sociais.

Feira do Cordel Brasileiro

✱ A 7ª Feira do Cordel Brasileiro será realizada até dia 2 de agosto na CAIXA Cultural Brasília, com entrada gratuita.

A programação reúne exposição, oficinas, palestras, recitais, shows, lançamentos de livros e feira de cordéis, xilogravuras e publicações. O evento, que chega pela primeira vez à capital, também promove debates sobre literatura popular e inteligência artificial.

TEATRO

Não me Entrego, Não!

✱ A Caixa Cultural Brasília recebe, de 6 a 14 de agosto, o monólogo Não me entrego, não!, estrelado por Othon Bastos. O espetáculo reúne memórias da

trajetória pessoal e profissional do ator, com passagens pelo teatro e cinema. Dirigida por Flávio Marinho, a montagem já ultrapassou 100 mil espectadores e venceu prêmios nacionais. As apresentações terão ingressos a R\$ 30 e R\$ 15, com sessões acessíveis em Libras às sextas-feiras.

Mergulhos na Criação

✱ O Núcleo de Formação da Anti Status Quo Companhia de Dança realiza, neste domingo (2), o encerramento do programa Mergulhos na Criação, com apresentações gratuitas no Cen-

tro de Dança do DF. O público poderá acompanhar pesquisas desenvolvidas por nove artistas ao longo de seis meses de formação em dança e artes performativas. Após as apresentações, haverá bate-papo com intérprete de Libras. O evento também contará com audiodescrição durante as performances.

Coletivo Trina trará

✱ O Coletivo Trina apresenta o espetáculo Janelas entre hoje (31) e 2 de agosto, no Salão Comunitário do Riacho Fundo I, com entrada gratuita. A montagem, escrita por Gledn-

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Divulgação
Não me Entrego, Não!, acontece de 06 a 14 de agosto, na Caixa



Divulgação
Coletivo Trina trará ao público do DF a montagem "Janelas"



Divulgação
Núcleo de Formação em Mergulhos na Criação

na Fernanda e Alzira Bosaipo, aborda temas como trabalho, burocracia, alienação e busca por sentido, inspirada livremente em O Processo, de Franz Kafka. O projeto também inclui uma oficina de dramaturgia e conta com recursos de acessibilidade, como audiodescrição e intérpretes de Libras.

Bonecos na Rural

✱O projeto Bonecos na Rural realiza temporada gratuita do espetáculo A Flor do Sertão nos dias 2, 9, 16 e 23 de agosto, no Espaço Cultural Cidade dos Bonecos, em Ponte Alta, no DF.

As apresentações antecedem a circulação da iniciativa por escolas do campo, comunidades quilombolas e ribeirinhas da Bahia e de Goiás. A programação inclui brincadeiras tradicionais antes das sessões e contará com recursos de acessibilidade, como interpretação em Libras e audiodescrição.

EXPOSIÇÃO

Uma Aventura Imunológica

✱A exposição Uma Aventura Imunológica – Nosso Corpo, Nosso Mundo será realizada de 4 a 31 de agosto no Shopping



Divulgação
2º Festival de Teatro

Conjunto Nacional, em Brasília, com entrada gratuita. A mostra interativa apresenta o funcionamento do sistema imunológico por meio de instalações lúdicas, jogos e objetos em grande escala, além de abordar vacinação, doenças inflamatórias e prevenção em saúde. A iniciativa é produzida pela Colmeia Social e Aflora Cultural, com patrocínio da Sanofi, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Instalação imersiva

✱A artista visual Eny Junia inaugura, em 3 de setembro, a exposição Coração, no Anexo



Tatiana Reis
Cordelista Davi Mello lança "Amor de Repente"

do Museu da República, em Brasília. A instalação interativa convida o público a entrar em uma escultura em formato de coração humano e ouvir os próprios batimentos cardíacos. Com entrada gratuita, a mostra reúne recursos tecnológicos, oficinas, atividades educativas e apresentações artísticas, permanecendo em cartaz até 1º de novembro com visita de terça a domingo.

Arte com o uso da tecnologia

✱O Espaço Petrobras Amazônicas, integrado à exposição Amazônicas: Poéticas Femininas, segue aberto para visita gratuita no CCB Brasília até 16 de agosto. O ambiente oferece experiências imersivas com realidade virtual, aumentada e expandida, permitindo ao público explorar obras de 21 artistas da região Norte. A mostra reúne mais de 80 trabalhos, além de ações educativas e interativas voltadas à valorização da produção artística feminina amazônica.

ESPORTE

Circuito de Adrenalina

✱O Autódromo de Brasília recebe, nos dias 1º e 2 de agosto, o Circuito Nacional de Adrenalina. O evento reúne apresentações de drift, motocross, manobras radicais, exposição de carros e motos, veículos modificados e o tradicional rachão. A programação inclui ainda praça de alimentação e brinquedos infláveis. Os ingressos podem ser adquiridos na modalidade solidária, com doação de alimentos destinados a ações sociais.

Corrida de rua

✱Brasília recebe a Corrida e Caminhada Inclusão a Toda Prova – DF 2026, na Praça do Buriti. Promovido pelo Instituto Olga Kos DF, com patrocínio da Shell Brasil, o evento busca incentivar a inclusão de pessoas com e sem deficiência por meio do esporte. As inscrições já estão abertas, com desconto de 50% para pessoas com deficiência mediante comprovação.



'Pegasus 3' é a maior bilheteria não hollywoodiana de 2026

Babel dos milhões

Em meio à reação fortíssima de Hollywood nas bilheterias, longas de CEP não anglo-saxônico lotam salas de projeção, afirmando sobretudo a potência chinesa nas telas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Não há dúvida de que Destin Daniel Cretton vai mudar o ranking de arrecadações do cinema mundial com "Homem-Aranha: Um Novo Dia", da mesma forma como a avassaladora marcha de Christopher Nolan com seu "A Odisseia" alterou o pódio do audiovisual, assegurando a ele o sétimo lugar nas maiores receitas do ano em duas semanas. Cada mudança dessas devolve à Hollywood uma onipotência que ela vinha perdendo desde a pandemia, a ponto de, em 2025, o maior faturamento global foi de uma animação chinesa: "Ne Zha 2 - O Renascer da Alma", que contabilizou cerca de US\$ 2,2 bilhões.

Este foi o primeiro longa não americano a entrar para o clube do bilhão, que este ano, já soma três títulos dos Estados Unidos: "Toy Story 5" (1º); "Super Mario Galaxy 2º"; e "Michael" (3º). Logo atrás do trio, a lista revela um mercado não estadunidense cada vez mais robusto, impulsionado pela Ásia (sobretudo), onde produções locais vêm mobilizando plateias gigantescas e conquistando arrecadações que rivalizam com os maiores estúdios do cinema. De janeiro para cá, 30



Divulgação



Divulgação



Divulgação

'Blades of the Guardians', um épico chinês que não cessa de faturar

'Scare Out' traz a marca autoral do premiado diretor de 'Lanternas Vermelhas', Zhang Yimou

'Dhurandhar: The Revenge' é o representante da Índia no bonde dos blockbusters

longas tornaram-se blockbusters, ou seja, passaram da raia de US\$ 100 milhões.

Desses, sete não têm o inglês como língua natal. O maior fenômeno desse bonde é "Pegasus 3", da China, que acumula US\$ 656,4 milhões. Terceiro capítulo da franquia criada por Han Han, o longa mistura automobilismo, humor e drama esportivo, mantendo o enorme apelo popular da série iniciada em 2019. O dado mais impressionante é que praticamente toda sua receita veio do mercado internacional — sobretudo da própria China —, já que apenas 0,2% da arrecadação foi registrada nos cinemas norte-americanos. O desempenho confirma a força do mercado chinês para transformar produções nacionais em sucessos globais sem depender de Hollywood. Está em sexto posto no ranking.

Também da China vem "Dear You", de Lan Hongchun, um romance dramático que alcançou US\$ 289,2 milhões exclusivamente em mercados internacionais. O filme ocupa o 13º lugar. Ele conquistou o público com uma narrativa sentimental centrada em reencontros e perdas familiares, apostando numa combinação de melodrama e apuro visual que dialoga com o grande público asiático. Sem lançamento comercial relevante nos EUA, tornou-se um dos maiores sucessos chineses do ano e reforçou a capacidade da indústria local de sustentar grandes bilheterias apenas com audiência doméstica e mercados vizinhos.

Outro destaque, em 18º lugar, também chinês, é "Blades of the Guardians", adaptação feita por Woo-Ping Yuen da popular HQ de artes marciais de Xu Xianzhe. Com US\$ 215,3 milhões arrecadados, ignorou o circuito americano, onde faturou menos de 1% de sua receita total. Apostando numa sofisticada combinação de ação, fantasia e estética inspirada na tradição wuxia, a produção consolidou-se como um dos maiores êxitos da animação chinesa recente, mostrando que o gênero continua em expansão.

A China também emplacou, em 19º lugar, "Kung Fu Soccer", com

US\$ 208,4 milhões. Inspirado na mistura de esporte e artes marciais que fez fama no cinema popular asiático, o filme aposta em partidas de futebol coreografadas como grandes cenas de ação, privilegiando o espetáculo visual e o humor. Toda sua arrecadação foi registrada fora dos Estados Unidos, confirmando o enorme alcance regional desse tipo de entretenimento e a fidelidade do público chinês às suas produções.

Outro título chinês a superar a marca dos US\$ 100 milhões foi "Scare Out", do medalhão autoral Zhang Yimou, que soma US\$ 200,3 milhões. Misturando horror sobrenatural e suspense psicológico, o longa encontrou receptividade dos espectadores asiáticos, explorando elementos do folclore local e uma atmosfera de terror bastante distinta da tradição hollywoodiana. Sem presença significativa no circuito dos EUA, provou que o gênero do horror também pode gerar blockbusters inteiramente produzidos para o mercado oriental.

Representando a Índia, em 23º lugar, "Dhurandhar: The Revenge" alcançou US\$ 152,9 milhões, tornando-se o maior sucesso internacional de Bollywood em 2026, reunindo ação, drama familiar e números musicais, elementos tradicionais da indústria indiana, em uma narrativa de vingança protagonizada por um herói disposto a enfrentar um império criminoso. Cerca de 82% da arrecadação veio de mercados internacionais, impulsionada pela diáspora indiana e pela crescente popularidade das produções do país em diversas regiões do mundo.

Em 24º lugar, aparece mais uma produção chinesa, "Boonie Bears: The Hidden Protector", que faturou US\$ 139,3 milhões. Integrante de uma das franquias de animação mais populares da China, o filme mantém a fórmula aventura + humor + conscientização ambiental para o público infantil. Assim como os demais sucessos locais, sua receita veio de mercados internacionais, evidenciando a força comercial de uma marca que há anos domina as férias escolares chinesas.

Fechando a lista, também da China, chega "The King's Warden", que ultrapassou US\$ 113,1 milhões nas bilheterias mundiais. Está em 30º lugar. Ambientado em um contexto histórico, o longa combina intrigas políticas, cenas de batalha e elementos épicos para narrar a trajetória de um guerreiro encarregado da proteção da corte imperial. Quase 97% de sua arrecadação foi obtida fora dos Estados Unidos.

Apesar das vitórias internacionais obtidas na Berlinale e de estar concorrendo ao Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, com "A Margem do Rio", o Brasil não emplacou nenhum blockbuster este ano (ou seja, não teve nada na casa do milhão. Nossa maior arrecadação, até agora é "Velhos Bandidos", com Fernanda Montenegro e Ary Fontoura, com cerca de 430 mil ingressos vendidos.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Versão brasileira nas teias da excelência

Voz oficial no Brasil de Tom Holland, o novo Homem-Aranha, Wirley Contaifer, de Caxias, vira celebridade na dublagem, renovando a potência estética de uma arte ameaçada pela IA

Embora “Homem-Aranha: Um Novo Dia” traga ninjas do Tentáculo e o Escorpião para lutar com o herói mais famoso da Marvel, qualquer nerd – ou cinéfilo escolado na trilogia de Sam Raimi, com Tobey Maguire – sabe que o maior inimigo do Escalador de Paredes é o Duende Verde. Da mesma forma, sabe-se hoje que o algoz nº 1 da dublagem nacional é a Inteligência Artificial, ou melhor, não a IA em si, mas a malversação dela por estúdios que refutam pagar um soldo digno a artistas da voz. Daí as redublagens (um crime contra o patrimônio cultural do país) com base em ferramentas digitais desumanizadas. Como todo bom super-herói, Wirley Contaifer almeja combater o Mal.

No caso dessa “maldade” capitalista que hoje acoisa seu veio de trabalho, a forma que esse dublador caxiense de 35 anos encontrou para agir foi fazer jus ao jargão de seu personagem mais recorrente – e querido – nas telas, Peter Parker, o Aranha, e acreditar que “grandes poderes trazem grandes responsabilidades”. A responsabilidade dele é conjugar o verbo “dublar” na desinência estética da invenção. Filme a filme, como voz oficial no Brasil do ator inglês Tom Holland – inclusive no fenômeno “A Odisseia”, de Christopher Nolan –, esse herdeiro de uma tradição que aclamou gênios como Orlando Drummond e Mário Monjardim (Scooby-Doo e Salsicha) ganha fãs e depura um estilo singular de sincronizar labial e empolgar plateias. Cada trabalho seu mostra que a interpretação (vívica) é um eixo do ofício de nossa classe dubladora, historicamente invisibilizada.

Graças a um binômio talento + perseverança Contaifer jamais fica invisível... em sua artesanaria.

“Estar numa bancada de dublagem significa falar para o vento que vai soprar para outras florestas e para outros tempos”, diz Contaifer ao Correio da Manhã, lembrando que a perda do ator e diretor Ricardo Schnetzer, um de seus primeiros mestres, morto em fevereiro, reforçou sua percepção sobre o alcance de seu trabalho. “Quando um de nós cai, não existe reposição para aquilo que a gente assume diante do público. Por isso é preciso sempre darmos um passo a mais, um passo além.”

Sua relação com a profissão ganhou contornos quase espirituais. Contaifer costuma definir a interpretação vocal como um “estado mediúnico”, expressão que utiliza para explicar a entrega absoluta exigida por personagens tão diferentes entre si. “Já manifestei diversas formas que jamais poderiam ser eu. Não sei de onde conseguia ser humano daquela



Acervo Pessoal

Voz oficial do Homem-Aranha no Brasil, Wirley Contaifer se empenha numa cruzada moral contra o avanço das IAs no campo da dublagem

maneira. Alguém mostrou a direção primeiro. A dublagem representa absolutamente tudo para mim. É resistência.”

Muita estrela hollywoodiana ficou associada, no imaginário pop, ao gogó de dubladoras/

es, como, por exemplo, (o hoje aposentado) Bruce Willis passou décadas conectado ao melífluo falar de Newton DaMatta, titã dos estúdios Herbert Richers (e outros), morto há duas décadas. É impossível dissociar Demi

Moore de Monica Rossi e Eddie Murphy de Mario Jorge, da mesma forma como ninguém jamais verá um Liam Neeson mais devastador do que aquele dublado por Armando Tiraboschi. Como todos esses casos supracitados, Holland abraçou-se em Wirley Contaifer. Não por acaso, seu empenho encanta seus colegas de bancada.

“Wirley é um apaixonado e essa paixão se reflete na sua atuação como dublador e também como diretor de dublagem”, explica Alexandre Moreno, que dubla o Hulk em “Homem-Aranha: Um Novo Dia”. “Num mundo cada vez mais engessado, ele traz cores vivas, humanidade”.

Dublador de Maguire em quatro longas do Aranha, Manolo Rey também aplaude Contaifer, definindo-o como “um jovem ator intenso, determinado, em busca de novos desafios sempre”. “De uma voz representativa, ele luta por todos e paga seus boletos com trabalho suado, como um verdadeiro Cabeça de Teia”, brinca Manolo, evocando o apelido de Parker nas HQs.

Onipresente em nossas TVs desde o fim da década de 1970, Mario Jorge, que além de Eddie Murphy dubla sempre John Travolta, além de ter sido a voz do maguinho Gorpo, de “He-Man”, conta: “Conheço o Wirley desde muito novo. É um garoto muito esforçado e bom dublador. Merece tudo que está acontecendo com ele”.

A estreia de “Homem-Aranha: Um Novo Dia”, na última quarta-feira, marca uma evolução na carreira de Holland e na trajetória de Peter Parker nos cinemas, onde o vigilante mascarado tem sido celebridade desde 2002. Tudo indica que pode virar o maior fenômeno de bilheteria de 2026, quando o pódio de arrecadação em venda de ingresso está com “Toy Story 5”, já na raia do bilhão (de dólares) em faturamento. Evolui também a dramaturgia da Marvel no audiovisual.

“O filme ‘Um Novo Dia’ coloca um Peter da escola em estado de faculdade. Ele se gradua como herói e como ser humano, elevado pela dor”, explica Contaifer, avaliando que o longa conclui uma formação iniciada há dez anos. “É como se finalmente acessássemos aquele filme de 2002 (com Tobey Maguire de Parker) de novo, entendendo que, para este Peter atual, precisávamos acompanhar um tempo maior. Vimos o menino crescer. Agora, crescido está. “O Homem-Aranha só é o Homem-Aranha porque ele é Peter Parker. É uma grande crônica sobre a vida exaustiva de quem não desiste.”

Na era dos algoritmos e da inteligência artificial, quando a voz humana passou a ser objeto de disputas tecnológicas e jurídicas, artistas como Contaifer lembram que dublagem é memória.



Ventura, o herói quixotesco da Cabo Verde que Costa filmou em Lisboa, em longas como 'Cavalo Dinheiro', hoje na MUBI

Rugidos lusitanos para um ourives da imagem

Pouquíssimo exibido no país, com um filme só na MUBI, o diretor português Pedro Costa receberá o troféu honorário Robert Bresson no Festival de Veneza por mérito de sua ousadia

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Presença raríssima em nossas telas, representado em nosso streaming por “Cavalo Dinheiro” (Melhor Direção no Festival de Locarno, em 2014) na plataforma MUBI, o português Pedro Costa foi escolhido para receber o troféu honorário Robert Bresson, em Veneza, que acolherá a briga pelo Leão de Ouro de 2026 de 2 a 12 de setembro. Concedida pela Fundação Ente dello Spettacolo, ligada ao setor cultural da Igreja Católica, a honraria é um reconhecimento de verve ecumênica para realizadores cuja obra alia excelência artística a uma dimensão espiritual, ética e humanista quase filosófica, expressa por meio de filmes capazes de estimular reflexões sobre a condição humana.

Atribuída ao carioca Walter Salles, em 2009, a láurea, criada em 2000 e batizada em homenagem ao cineasta francês (nascido em 1901 e



Pedro Costa com o Leopardo de Ouro, seu prêmio de maior quilate até o Troféu Robert Bresson

morto em 1999), autor de clássicos das telas como “Pickpocket” (aqui, “O Batedor de Carteira”, lançado em 1959), “Um Condenado à Morte Escapou” (1956) e “Lancelot do Lago” (1974). Numa evocação ao ethos bressoniano, em sua empatia, o prêmio festeja miradas que driblam a alteridade ao relatar modos de vida pautados pela resiliência, assim como Costa faz com imigrantes de Cabo Verde.

Considerado um dos mais requintados estetas do nosso tempo na criação cinematográfica, o diretor luso ganhou notoriedade por longas-metragens cults como “Juventude em Marcha” (indicado à Palma de Ouro em 2006) e “No Quarto de Vanda”, laureado no festival Cinéma du Réel em 2001. Este era um dos filmes favoritos de Eduardo Coutinho (1933-2014), aclamado documentarista respon-

sável por “Edifício Master” (2002) e “Santo Forte” (1999). Com “Vitalina Varela” (2019), Costa conquistou o Leopardo de Ouro de Locarno, subindo degraus no Olimpo da autoralidade fílmica.

Sua Passárgada se chama Fontainhas, bairro da periferia de Lisboa alvejado pela gentrificação e por intervenções estatais onde ambienta suas tramas, oferecendo a suas plateias um estudo sobre a resiliência

dos desterrados d’África no Velho Mundo. “A urgência é má conselheira. Filmo como uma equipe muito reduzida, com quatro pessoas por trás das câmeras, para que meu elenco de não atores tenha as melhores condições de criar. Não se deve ser urgente, no cinema, nem no documentário, formato que aspira a ter um contato mais terra a terra com a realidade”, disse o diretor ao Correio da Manhã em sua passagem pelo Rio, meses antes de começar a pandemia. “Estudando as pessoas de Cabo Verde, que tanto me deram e tanto me dão, há tantos anos, tive a percepção de que existem mulheres sentinelas, à olhar para o mar, à espera, sem resposta. Vitalina é uma delas. Existem muitas”.

Desde sua criação, em 2000, o Prêmio Robert Bresson distinguiu expoentes do cinema de autor mundial, como Walter Salles, no tempo em que lançou “Diários de Motocicleta” (2004) e “Linha de Passe”, de 2008 (rodado em duo com Daniela Thomas). A lista de premiados abriu com Giuseppe Tornatore (2000), seguindo com Manoel de Oliveira (2001), Theo Angelopoulos (2002 e 2003), Wim Wenders (2004), Jerzy Stuhr (2005), Zhang Yimou (2006), Alexander Sokurov (2007), Krzysztof Zanussi (2008), Wálinho (2009), Mahamat-Saleh Haroun (2010), os irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne (2011), Ken Loach (2012), Amos Gitai (2013), Carlo Verdone (2014), Mohsen Makhmalbaf (2015), Andrey Zvyagintsev (2016), Gianni Amelio (2017), Liliana Cavani (2018), Jacques Perrin (2019), Lucrecia Martel (2020), Alice Rohrwacher (2021), Hirokazu Kore-eda (2022), Mario Martone (2023), Marco Bellocchio (2024), Eugène Green (homenagem especial pelos 25 anos do prêmio, em 2024) e Stéphanie Brizé (2025).

Em 2021, Costa lançou o livro “Vitalina Varela - Cadernos de Rodagem”, no qual faz um balanço de seu método de trabalho, reunindo fotografias tiradas nos subúrbios de Lisboa e na ilha de Santiago, Cabo Verde, entre 2017 e 2019. “Existem pessoas com um viver muito rico que vieram d’África para se reinventarem em solo português. E é delas que eu falo, em planos que distendem uma percepção mais comercial do tempo”, disse o cineasta, cujo filme mais recente é “As Filhas do Fogo”, um curta-metragem lançado em Cannes em 2023.

O Festival de Veneza abre suas atividades com “Ink”, de Danny Boyle. Ambientado em 1969, o longa acompanha a ascensão do magnata Rupert Murdoch, interpretado por Guy Pearce, e a transformação do tabloide “The Sun” num fenômeno editorial. Jack O’Connell, Claire Foy e outros nomes britânicos completam o elenco. O Brasil é coprodutor de um dos concorrentes: “Retorno a Buenos Aires”, do chileno (de ascendência italiana) Marco Bechis.

Um Grande Otelo que olha para os gringos

Troféu da Academia Brasileira de Cinema celebra a potência de 'nuestros hermanos' e do audiovisual luso com sua categoria ibero-americana, cujos concorrentes estão em streaming

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Terça-feira é dia de Prêmio Grande Otelo, o Oscar nacional, concedido há um quarto de século pela Academia Brasileira de Cinema. A festa, comandada pelas atrizes Marieta Severo e Silvia Buarque (mãe e filha), será realizada no Theatro Municipal, a partir das 20h15, com transmissão pelo Canal Brasil. Indicado a quatro Oscars, "O Agente Secreto" é o recordista de indicações (18 ao todo), seguido por "Homem com H", que disputa em 13 Frentes. "Manas", "O Último Azul" e "O Filho de Mil Homens" também chegam com força nessa festa, que assegura um quinhão de seus holofotes para o que vem do estrangeiro.

A produção ibero-americana também tem sua vez. Estarão no Rio para o evento a atriz Camila Plaate, protagonista do concorrente argentino "Belén"; o ator Matías Francisco Catalán Celis, representante do chileno "O Olhar Misterioso do Flamingo"; o produtor Manuel Arturo Ruiz Montealegre, do colombiano "Um Poeta"; a produtora Tanya Maria Valette Castillo, que defenderá a dominicana "Pepe"; e o ator Jonathan Guilherme, por "O Riso e a Faca", produção Brasil x Portugal dirigida pelo lisboeta Pedro Pinho. Conhecê-los melhor é um veio de entender como a Academia pensa nuestros hermanos e patricios. Todos estão já em streaming.

Vencedor da mostra Un Certain Regard no Festival de Cannes de 2025, o candidato do Chile, cujo título original é "La Misteriosa Mirada del Flamenco", foi dirigido por Diego Céspedes. Pode ser visto no streaming do Telecine e na Amazon. Sua trama recua até 1982, numa cidade mineira isolada no deserto chileno, onde a pequena Lidia, de 11 anos, vive sob a proteção de artistas trans e travestis que gerem um cabaré local. Quando



Dolores Fonzi estrela e dirige 'Belén', projetado na disputa pela Concha de Ouro de 2025



Passado de opressões coloniais é exorcizado em 'O Riso e a Faca'



'O Olhar Misterioso do Flamingo' recua a 1982, numa cidade do deserto chileno



Em 'Pepe' o hipopótamo do narcotráfico incomoda muita gente



Ubeimar Rios é um aspirante a Carlos Drummond que faz da poesia um sonho... afogado em álcool em 'Um Poeta'

uma doença desconhecida começa a espalhar-se entre os mineiros que frequentam clandestinamente o espaço, instala-se um clima de histeria coletiva alimentado pela homofobia e pela transfobia. Corre o rumor de que o contágio acontece através de um simples olhar. Sua diva, Flamingo, figura maternal interpretada por Matías Catalán, tenta proteger Lidia de um mundo cada vez mais hostil.

"Um Poeta" só chegou aqui online, na HBO Max. A direção é de Simón Mesa Soto. Nessa trama coroada com o Prêmio do Júri da mostra Un Certain Regard de Cannes e com o prêmio Horizontes Latinos do Festival de San Sebastián, o trovador Oscar (interpretado com fluidez por Ubeimar Rios, um ator não-profissional) teve a chance de lançar dois livros e de dar aulas, o que, nem de longe, aplaca seu apetite por prestígio. Sua pátria, a mesma de Gabriel García Márquez, viu brotar muitos faróis na literatura. Oscar almeja ser um. Se bebesse menos, era mais fácil chegar lá e não estaria, já quarentão, à mercê do quarto que tem na casa da mãe, rejeitado pela filha adolescente. O verbo "desistir" é imposto pela vida a Oscar como um norte inescapável. A crença de que o poema pode levar quem escreve e quem lê à transcendência o leva a uma jovem, Yurlady (Rebeca Andrade), que demonstra um talento

nato para metáforas. Na Medellín filmada por Mesa Soto numa fronteira tênue do naturalismo, a relação entre eles expõe crises culturais disfarçadas de assistencialismo e de capitalização da miséria (alheia).

Na grade da Amazon Prime Video, "Belén", de Dolores Fonzi, foi o longa mais festejado dos concorrentes à Concha de Ouro de San Sebastián, de onde saiu com a láurea de Melhor Interpretação Coadjuvante para Camila Plaate. A trama decorre em Tucumán, na Argentina, em 2014. Numa noite, uma jovem (Plaate) dá entrada num hospital com fortes dores abdominais, sem saber que está grávida. Acorda algemada à maca e cercada por policiais. É acusada de ter provocado um aborto e, após 24 meses em prisão preventiva, é condenada a oito anos de prisão por homicídio qualificado devido ao vínculo familiar. Uma advogada de Tucumán (interpretada com ardor por Fonzi) lutará pela sua liberdade com o apoio de milhares de mulheres e organizações.

Trazido até nós pela plataforma digital MUBI, "Pepe", de Nelson Carlo De Los Santos Arias, foi indicado ao Urso de Ouro, há dois anos. Essa produção da República Dominicana conjuga (e bem) documentário e ficção, num espírito anticolonial nas raízes do fantástico. Seu enredo é inspirado na figura de um hipopótamo adotado por Pablo Escobar, Pepe, que foi trazido da África para a Colômbia e, mais tarde, tornou-se um símbolo de desrespeito ecológico devido à controvérsia em torno de sua morte. Seu realizador ganhou o prêmio de Direção na Berlinale.

Disponível para aluguel ou compra na Prime Video, com suas 3h37 minutos, "O Riso e a Faca" nasceu em Cannes, em 2025, onde foi rotulado como "épico da lusofonia". Uma segunda coroa veio da Croisette: a láurea de Melhor Interpretação, dada à atriz Cleo Diáira. A revista "Cahiers du Cinéma", encarada como Bíblia pela cinefilia, elegeu o longa-metragem do lisboeta Pedro Pinho (que teve a carioca Tatiana Leite como um fator de X, ou seja, um fator central, em sua equação de produção) para sua lista dos Dez Melhores do ano passado. São 211 minutos de reflexões sobre raízes e êxodos, desenraizamento e pertença. Tem ecos d'África(s), do nosso Brasil e da "terrinha", a pátria de Pinho, numa jornada que fala de origens e de futuros possíveis para povos que, unidos por uma língua, precisam superar os ranços do pacto colonial. Cleo e Jonathan foram um triângulo de perseverança na trama com Sérgio (Sergio Coragem), europeu que parte para um canto da África para trabalhar como engenheiro ambiental para uma ONG, na construção de uma estrada entre o deserto e a selva. À medida que adentra nas dinâmicas neocoloniais d'expatriados, a dramaturgia gravita entre a solidão e a barbárie.

Se não entendeu, ele desenha

Jornalista e escritor Marco Antônio Barbosa lança o e-book 'Polarização para Dummies', um guia rápido e divertido para explicar as forças em disputa no tabuleiro político brasileiro

AFFONSO NUNES

Estamos em ano de eleições presidenciais e, mais uma vez, a sociedade brasileira de vê diante de um quadro de polarização política. Mas o que de fato é essa polarização, como surgiu e qual sua dinâmica? Inspirado numa consagrada série editorial, o jornalista e escritor Marco Antonio Barbosa acaba de lançar o e-book “Polarização para Dummies”, um guia eletrônico que se propõe a explicar, conforme as palavras do autor, “tintim por tintim, como se cultiva a polarização ideológica no Brasil dos dias atuais”.

Utilizando uma abordagem que mescla humor ácido e ilustrações didáticas de sua própria autoria, Barbosa busca oferecer uma saída para o cidadão que se sente confuso com o bate-boca eterno nas redes sociais e que já não consegue discernir quem está certo ou errado nas discussões sobre os grandes dilemas da sociedade. E Barbosa inicia a obra pedindo licença para discordar da visão binária que satura os noticiários. Para ele, os polos em disputa não são dois, mas quatro — progressista, conservador, reacionário e isentão —, cada um desempenhando um papel específico na manutenção de um cenário que, segundo ele, está “longe de ser esse preto-no-branco pintado por jornalistas e cientistas políticos”. Essa simplificação seria uma das engrenagens que mantém o país em paralisia analítica. A pola-

rização, defende ele, “um fenômeno fabricado de modo a favorecer um status quo conservador”.

Ao aprofundar a análise, Barbosa faz uma distinção que considera crucial. O “suposto radicalismo de um dos polos — o progressista — nem se compara ao radicalismo (comprovado) do polo reacionário”. Enquanto o polo progressista é descrito como uma “moderadíssima esquerda” que busca retomar o diálogo e unir a sociedade, o reacionário, associado à extrema direita, prega abertamente “golpe, morte,

destruição e ódio”. As parcelas conservadoras, ao alimentar uma falsa equivalência entre essas duas forças, tentariam nivelar uma postura de diálogo com uma retórica de violência — manobra que serviria para deslegitimar pautas progressistas, tratando-as como ameaça equivalente aos impulsos autoritários da extrema direita.

Um dos trechos mais provocativos do livro aborda o comportamento do polo conservador e dos “isentões” em momentos de crise. É muito comum, explica Barbo-

sa, que conservadores e isentões se unam aos reacionários para isolar os progressistas, gerando um desequilíbrio profundo na polarização que se vê na superfície. Diante de situações que a mídia costuma classificar como “escolhas muito difíceis”, os conservadores invariavelmente optam por se alinhar aos reacionários em vez de buscar convergência com os progressistas. Essa aliança tática, para o autor, é o que realmente define os rumos da política brasileira.

Barbosa também dedica crítica feroz aos “inteligentões e inteligentinhos de centro”, identificados como principais defensores da narrativa da “eterna crise institucional”. Para esses especialistas, o Brasil só avançaria com um nome “novo”, capaz de superar o radicalismo de Lula e Bolsonaro por uma terceira via. O autor classifica a proposta como a “falácia da terceira via, que de ‘centro’ tem nada”. Questionado sobre se existe espaço para um centro real, Barbosa não hesita: “Existe. Ou deveria existir. Há muita gente cansada e desencantada com a política e com as instituições, e que se sentiria representada por um nome mais claramente de centro. Mas aí

you vê o que tem sido apresentado como terceira via: Tarcísio? Ronaldo Caiado? Romeu Zema? Todos eram bolsonaristas até anteontem, o Tarcísio ainda é. A terceira via é uma construção do sistema para vender um retorno da direita. E direita não é centro. Especialmente uma direita que promete, antes de mais nada, anistiar golpistas.”

Diante desse quadro, como descontruir a fabricação da polarização? “A tese do meu livro é a seguinte: polarização é um efeito natural do debate democrático. No entanto, o establishment conservador passou a vender a ideia de que toda polarização é negativa. Não é. Mas vende-se um discurso fabricado igualando os dois polos no extremismo. Isso se dá porque, entre Lula e Bolsonaro, o establishment — que direciona a opinião pública — sempre vai preferir o segundo, mesmo com reservas”, opina o autor. O remédio, segundo o autor, é antes de tudo perceptivo. “O cidadão precisa, acima de tudo, abrir bem olhos e ouvidos. Toda postagem de mídia social, toda coluna de jornal, toda opinião veiculada na TV têm um subtexto. Os ‘especialistas’ se vendem como isentos e racionais, mas cada um deles segue uma agenda. Antes de compartilhar alguma informação ou se engajar em mais um debate inútil, entenda bem quem está falando, o que está sendo falado, qual é o envolvimento da pessoa com a ideologia sendo propagada. Aí é possível identificar qual debate vale a pena travar, e qual deve ser ignorado”, aconselha.

A trajetória de Marco Antônio Barbosa como analista da cena brasileira é longa. Ele assina obras como “Velha Nova Era”, que compila escritos sobre política, sociedade e mídia produzidos entre 2007 e 2019, e o satírico “Fear & Loathing in Londrina”, que reimagina a estética de Hunter S. Thompson no Brasil bolsonarista. O novo e-book atualiza textos publicados originalmente em seu blog no Medium em 2022, agora com ilustrações inéditas e um capítulo de conclusão. Com o tom desafiador de quem pergunta “entendeu ou quer que eu desenh?”

Barbosa oferece o livro na Amazon por um valor simbólico, mantendo gratuidade em PDF para os assinantes de sua newsletter no Substack, onde semanalmente compartilha reflexões sobre cultura, inovação e o mundo corporativo para mais de 5 mil leitores.

Acervo pessoal



Marco Antônio Barbosa reuniu artigos sobre a realidade brasileira contemporânea para consolidar sua visão sobre a polarização política no país



Famosa comédia de Shakespeare terá apresentações gratuitas no CCBB com montagem inédita

Por Mayariane Castro

O primeiro desafio da montagem inédita da comédia “Sonhos de uma Noite de Verão”, de William Shakespeare, que estrou no Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (CCBB Brasília) na quinta-feira (30) e prossegue até domingo (2) será desmentir a principal afirmação da peça: “Há quem diga que todas as noites são de sonho, mas há também quem garanta que só as noites de verão”.

A adaptação colaborativa de Adriano Guimarães, Maria Moreira e Lucas Lima nos palcos de Brasília pretenderá provar, então, que noites secas de inverno como as dos últimos dias em Brasília também poderão ser de sonho, embaladas pela mente criativa do bardo inglês.

Dirigido por Adriano Guimarães, o espetáculo será apresentado no teatro da instituição sempre às 19h30, com entrada gratuita. No dia 1º de agosto haverá uma sessão extra, às 16h, com interpretação em Libras e audiodescrição. Após todas as apresentações, o público poderá participar de um bate-papo com o diretor e o elenco sobre o pro-

O elenco é formado por Abaetê Queiroz, Gabriela Correa, Lucas Lima, Lucca Marques, Maria Moreira, Mateus Ferrari, Natália Leite, Rodrigo Lelis e Roger Rodrigues. Os atores interpretam personagens que transitam entre o universo da realidade e o da fantasia, reunindo figuras da corte ateniense, trabalhadores e seres mágicos.

Para Maria Moreira, um dos aspectos centrais da obra é a convivência entre personagens de diferentes origens sociais dentro da mesma narrativa. A atriz observa que Shakespeare aproxima nobres, trabalhadores e habitantes do mundo fantástico para discutir sentimentos compartilhados por todos, como amor, medo e desejo.

Metateatro

Lucas Lima destaca a presença do metateatro na peça, recurso dramático em que o próprio

Sonhos de uma noite seca de inverno



Divulgação

Nova montagem da famosa comédia usa recursos de metateatro para discutir criação coletiva

Espetáculo que discute o espetáculo

Metateatro é usado como recurso para debater a construção coletiva da montagem teatral

Shakespeare escreveu 39 peças que se tornaram clássicos



Divulgação

cesso de criação da obra. Os ingressos poderão ser retirados gratuitamente pelo site do CCBB ou na bilheteria física da instituição, no dia anterior a cada sessão.

Relação palco/plateia

A montagem revisita uma das comédias mais conhecidas de Shakespeare e propõe uma leitura baseada na relação entre palco e plateia.

A adaptação foi desenvolvida de forma colaborativa por Adriano Guimarães, Maria Moreira e Lucas Lima, preservando a estrutura dramática do texto original enquanto incorpora uma encenação construída a partir do trabalho dos atores e da participação imaginativa do espectador.

Escrita por volta de 1595, a peça acompanha quatro jovens que fogem para uma floresta onde seus relacionamentos passam a ser influenciados por Puck, personagem ligado ao reino das fadas. Paralelamente, um grupo de artesãos prepara a apresentação de um espetáculo teatral para a corte ateniense, estabelecendo um jogo de teatro dentro do teatro. Ao longo da narrativa, elementos como paixão, desejo, enganos e fantasia conduzem o desenvolvimento da trama.

Segundo o diretor Adriano Guimarães, a permanência da obra no repertório teatral está relacionada à forma como Shakespeare concebia a cena. De acordo com ele, o dramaturgo escrevia para um palco com poucos recursos cenográficos, fazendo com que a palavra e a imaginação do público desempenhassem papel central na construção da narrativa. Para o diretor, essa relação continua sendo um dos elementos fundamentais da experiência teatral contemporânea.

teatro se torna tema da encenação. Segundo ele, o espetáculo evidencia a construção coletiva da cena ao estabelecer uma relação direta entre quem atua e quem acompanha a apresentação.

Um dos momentos centrais da montagem ocorre quando Puck dirige-se diretamente ao público, sugerindo que os acontecimentos sejam compreendidos como um sonho. Para Adriano Guimarães, esse trecho sintetiza a proposta dramática da obra ao indicar que a cena depende da imaginação do espectador para se completar.

Considerada uma das comédias mais encenadas de William Shakespeare, “Sonho de uma Noite de Verão” permanece entre as obras mais conhecidas do dramaturgo inglês. A narrativa transcorre entre a cidade de Atenas e uma floresta onde forças sobrenaturais interferem nas relações humanas.

Por Mayariane Castro

O Grupo-Teatro Caleidoscópio estreia, entre esta sexta (31) e 9 de agosto, no Teatro Engrenagem, em Brasília, o espetáculo “Cicuta (ou Um tal de Sócrates)”.

A montagem revisita o julgamento e a condenação à morte do filósofo grego Sócrates para abordar temas relacionados à educação, democracia, responsabilidade, liberdade de pensamento e participação política.

A temporada será realizada às sextas-feiras, às 20h, e aos sábados e domingos, às 18h.

Criado pelo diretor e dramaturgo André Amahro, o espetáculo acompanha os momentos finais da trajetória de Sócrates, condenado à morte por envenenamento após ser acusado de corromper a juventude ateniense e introduzir novos deuses.

A narrativa percorre ambientes como o tribunal, o oráculo e a prisão para apresentar ao público questões associadas ao método socrático, baseado na investigação dos temas em discussão por meio de perguntas.

Temas presentes

Segundo o diretor, a proposta não é reconstruir apenas um episódio histórico, mas utilizar a figura do filósofo como ponto de partida para discutir temas presentes na sociedade contemporânea. De acordo com Amahro, a montagem busca estimular a reflexão sobre comportamento eleitoral, influência da mídia, medo do diferente e participação dos jovens na vida pública, sem

defender posições político-partidárias.

“Esse é o momento esperado. Sócrates, como se sabe, bebe a cicuta, porque se recusa a ser exilado ou a pagar uma multa. Prefere beber o veneno a renunciar às suas opiniões. Essa ação se passa diante da própria esposa – e isso é uma licença poética da dramaturgia. Então, a cena foi desenhada para que o ato de perder a própria vida não fosse um ato isolado, mas combinado com a despedida do amor”, explica o diretor.

O espetáculo também enfatiza a educação como instrumento de formação crítica. A frase atribuída a Sócrates – “Uma vida sem exame não vale a pena ser vivida” – funciona como referência para a construção dramaturgica, que convida o público a refletir sobre a relação entre conhecimento, ética e cidadania.

Diálogos de Platão

A dramaturgia foi desenvolvida principalmente a partir dos diálogos escritos por Platão, considerados as principais fontes sobre o julgamento e a morte de Sócrates. Como o filósofo ateniense não deixou obras escritas, seu pensamento tornou-se conhecido por meio de discípulos e outros autores da Antiguidade.

Para André Amahro, a estrutura dialogada dos textos platônicos aproxima essas obras do teatro. O diretor observa que Platão pretendia inicialmente seguir carreira como dramaturgo antes de se dedicar à filosofia, característica que, segundo ele, permite interpretar Sócrates como um personagem trágico cuja trajetória pode ser comparada à de protagonistas clássicos do teatro.

Que Sócrates?

Peça utiliza o julgamento e morte do filósofo grego para discutir educação, democracia, responsabilidade e pensamento crítico

André Amahro/Divulgação



A decisão de Sócrates, que preferiu morrer a abdicar de suas ideias, é o tema central

Discussão sobre a razão de nossas escolhas

Escolha do período pré-eleitoral influi no debate do espetáculo

“Essa é a principal função do teatro que fazemos”, destaca André Amahro.

“Essa montagem antecede o período eleitoral e foi pensada para estimular o pensamento crítico sobre nossas escolhas. Como diz o texto: o voto não é apenas a escolha de governo; é uma forma silenciosa de responsabilidade compartilhada, é uma escolha de destino. E toda escolha que não é examinada pode, um dia, se tornar irreversível”, continua.

O título da montagem reúne duas referências centrais da nar-

rativa. A palavra “cicuta” remete ao veneno utilizado para executar Sócrates após sua condenação. Já a expressão “Um tal de Sócrates” procura aproximar a figura histórica do cotidiano, retirando-a do campo exclusivamente acadêmico e colocando-a em diálogo com questões atuais.

A peça procura investigar os motivos que levam uma sociedade a silenciar pessoas que desafiam consensos estabelecidos. Nesse contexto, a cicuta aparece como símbolo das consequências enfrentadas por indivíduos que questio-



Claudio Lago/Divulgação

Apesar dos personagens masculinos, elenco só de mulheres

nam estruturas de poder ou estimulam o pensamento crítico.

Para o diretor, é sempre uma reinvenção do seu amor ao teatro.

“Cada espetáculo reafirma a minha paixão pelo teatro, mas noto que estou cada vez mais

exigente como diretor. Como dramaturgo, sou sempre flexível, porque entendo que a palavra pertence também ao ator que a interpreta. Adoro os atores (hoje só atrizes) do meu grupo. São experientes e muito talentosas. Mas

sempre quero mais. Quero entregar um espetáculo de excelência e pra isso vou até o Olimpo, se preciso for”.

Caleidoscópio

Fundado em 1994, o Grupo-Teatro Caleidoscópio desenvolve pesquisas voltadas à aproximação entre teatro, filosofia e debate público. O projeto surgiu como iniciativa de extensão da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília, sob coordenação de André Amahro.

Além da temática filosófica, a nova montagem apresenta um elenco composto majoritariamente por mulheres. Vanessa Di Farias interpreta Sócrates; Sandra Regina vive Meleto; Flavia Neiva representa Anito; e Raquel Aló interpreta a Pitonisa.

A trilha sonora original é executada ao vivo pelo multi-instrumentista Elias Santos.

A concepção para o elenco só feminino parte da ideia de que o ator pode representar diferentes figuras independentemente de características biográficas.